

Evento: XVIII Jornada de Extensão

A DIFERENÇA CULTURAL E OS MBYÁ-GUARANI DA ALDEIA YAKÃ JÚ DE SANTO ÂNGELO/RS: UMA ABORDAGEM A PARTIR DA TEORIA DA FRICÇÃO INTERÉTNICA¹

THE CULTURAL DIFFERENCE AND THE MBYÁ-GUARANI OF THE YAKÃ JÚ VILLAGE OF SANTO ÂNGELO / RS: AN APPROACH BASED ON THE THEORY OF THE INTERETHNIC FRICTION

Roberta Herter Da Silva², Norberto Kuhn Júnior³

¹ O presente estudo refere-se a uma importante reflexão surgida no desenvolvimento da tese de doutoramento da autora na Universidade Feevale

² Doutoranda em Diversidade Cultural e Inclusão Social - Universidade Feevale. Bolsista CAPES.

³ Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (2008). Mestre em Sociologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1996). Professor da Universidade Feevale. Contato: nkjunior@feevale.br

Introdução

O presente estudo refere-se a uma importante reflexão surgida no desenvolvimento da tese de doutoramento da autora na Universidade Feevale. O trabalho tem como tema a diferença cultural dos indígenas Mbyá-Guarani e como objeto os indígenas Mbyá-Guarani, da aldeia Yakã Jú, de Santo Ângelo. O trabalho, que não possui propósito conclusivo, visa trazer a reflexão à academia e à sociedade onde vivem esses indígenas para buscar contribuições de outras “vozes” para o desenvolvimento da tese de doutoramento. Como os Mbya-Guarani da Aldeia Yakã Jú, nas suas experiências cotidianas de vida ressignificam a sua diferença cultural diante da cultura de consumo onde estão inseridos? Como estas ressignificações tencionam sua cosmologia e implicam sobre a constituição dos seus modos de ser diante da sua inserção na sociedade de consumo? Essas são questões motivadoras do presente trabalho e de extrema importância para a tese de doutoramento. Para tanto, utiliza-se de uma abordagem da diferença cultural Mbyá-Guarani com a sociedade nacional a partir da teoria da fricção interétnica de Roberto Cardoso de Oliveira.

Metodologia

Utilizou-se inicialmente da metodologia de pesquisa exploratório-bibliográfica, por recorrer ao uso de livros, revistas, artigos, além de pesquisas em bibliotecas virtuais, também utilizou-se do método da etnografia, por meio das técnicas de pesquisa de campo, escritas de diário e da observação participante, ainda em estágio bem inicial de desenvolvimento na aldeia.

Resultados e discussão

Os povos tradicionais possuem uma forma diferenciada de se constituírem enquanto sujeitos no mundo, de definirem a sua posição no mundo, e conseqüentemente as formas de relacionamento com os Outros. O seu modo de ser é um conjunto de conhecimentos que definem uma condição de estar no mundo. A diferença é antes de tudo uma realidade concreta, um processo humano e

Evento: XVIII Jornada de Extensão

social e encontra-se inserida no processo histórico (SEMPRINI, 1999). O reconhecimento das diferenças tornou-se condição indispensável à participação social das minorias, ao fim das desigualdades e à redução do sofrimento humano.

Esse estudo propõe-se a analisar o modo Mbya-Guarani, da Aldeia Yakã Jú de Santo Ângelo/RS, de vivenciar a sua diferença cultural estando em contato constante com a sociedade de consumo e desse modo, desvendar os dilemas e desarranjos para ressignificação dessa diferença. O objeto de estudo são os aproximadamente 37 indígenas Mbya-Guarani instalados, desde janeiro de 2016, numa área de 15 hectares na Barca dos Gabriel, Buriti, distrito do município de Santo Ângelo.

Parte desse grupo habitava a aldeia Tekoá Koenju em São Miguel das Missões/RS. O retorno dos indígenas Mbyá-Guarani para Santo Ângelo, local que não possuía aldeia guarani após a guerra guaranítica, formando a Y representa uma conquista histórica para esse povo. Infelizmente, já em contato com o mundo “branco”, na atualidade não possuem mais os vastos campos de onde tirar sua alimentação e sobrevivência e lutam para viverem com dignidade. Vivem em contato constante com a sociedade de consumo e apreendem alguns de seus elementos. Como esse povo ressignifica sua diferença cultural na contemporaneidade será o objeto deste estudo.

Além de dificuldades com saúde, moradia e alimentação, esses Mbyá-Guarani enfrentam enormes conflitos na sua interação social com a sociedade envolvente, o que Roberto Cardoso de Oliveira (1962) denomina de fricção interétnica. Segundo Cardoso de Oliveira é possível chamar de fricção interétnica,

o contato entre grupos tribais e segmentos da sociedade brasileira, caracterizados por seus aspectos competitivos e, no mais das vezes, conflituais, assumindo esse contato muitas vezes proporções “totais”, i.e., envolvendo toda a conduta tribal e não-tribal que passa a ser moldada pela situação de fricção interétnica. Entretanto, essa “situação” pode apresentar as mais variadas configurações [...]. Desse modo, de conformidade com a natureza socioeconômica das frentes de expansão da sociedade brasileira, as situações de fricção apresentarão aspectos específicos (1962, p. 86).

Segundo esse autor, o Brasil é um exemplo de país de colonização européia com “povos indígenas sob cujos territórios uma nova nação se expandiu” (Cardoso de Oliveira 1988, p. 154). E por esse motivo os indígenas, inclusive os Mbyá Guarani, encontram-se inseridos em situações de contato interétnico em relações sociais desmedidamente desiguais com segmentos da sociedade nacional, ou seja, “situações de fricção engendradas pelo contato interétnico” (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1962).

Para Cardoso de Oliveira, os sistemas interétnicos mostram-se “contaminados pela história da sociedade majoritária”, de maneira que, ao fim, as sociedades indígenas cedem lugar “às novas sociedades constituídas pela história do colonizador” (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1980, p. 262). Segundo o autor (1980, p. 71), o diálogo entre interlocutores inseridos em horizontes culturais

Evento: XVIII Jornada de Extensão

distintos sempre deixa um resíduo de incompreensão dificilmente resgatável, mas considera conveniente, bem como indispensável, “um acordo entre os agentes étnicos em contato”. E enxerga nesta a possibilidade de uma “comunidade intercultural” a ser constituída por antropólogos, técnicos, administradores e líderes indígenas, com o objetivo de elaborar um modelo alternativo de desenvolvimento, mediante um processo de “negociação” e de “fusão de horizontes” entre as partes.

É possível observar que os Mbyá-Guarani vivenciam a conexão entre dois sistemas socioculturais de magnitudes muito diversas. Se apropriam de elementos da sociedade envolvente como o uso do dinheiro, a produção do lixo, o consumo de tecnologias como telefone celular, computador, televisão, fone de ouvido, a escuta de diversos estilos musicais como o sertanejo universitário, o funk, o pagode, o consumo de alimentos industrializados, a utilização de meios de transporte como carro e bicicleta, de redes sociais como facebook e o whatsapp, a frequentar escola não indígena, uso da língua portuguesa, utilização de adornos como boné, cinto, maquiagem, roupas e calçados, o que refletem que esta cultura está “de frente” para a sociedade de consumo, para a sociedade nacional.

Além de vivenciarem elementos da cultura de consumo, mantém o modo tradicional de vida Mbyá-Guarani que é composto pela cosmologia guarani, a mitologia e o profetismo, pelo relacionamento harmônico com a fauna e a flora, pela alimentação indígena principalmente com o consumo do milho, da mandioca, da batata-doce, pela produção e comercialização de artesanato como colares, pulseiras, estátua de animais feitos com a madeira cortiseira, pela realização de uma economia de subsistência, da qual a agricultura é a principal atividade, mas apreciam também a caça e a pesca, pela lógica da solidariedade, já que tudo o que é pescado, caçado e produzido é dividido entre todos os membros pelo uso da língua guaraní, pelo cultivo de danças e da musicalidade tradicional por meio do ensaio diário do coral “Tapê Porã”.

Segundo Cardoso de Oliveira (1978, p. 14) o sistema nativo restaria teórica e empiricamente submetido às “determinações provocadas pela sociedade mais poderosa, nacional”. Torna-se imprescindível, dessa forma, investigar os termos em que se dá essa subordinação, a lógica de dominação que lhe é inerente. No contexto desse estudo, hipoteticamente, uma das determinações a que os Mbyá-Guarani, da aldeia Yakã Jú estão submetidos são as provocadas pela sociedade de consumo. Esse estudo objetiva analisar as novas formas de construção da identidade Mbyá-guarani, ou seja, como se dá a ressignificação cultural mediada pela lógica do consumo.

O conceito de fricção interétnica toma a questão indígena como motivação para se pensar a sociedade nacional, através da presença de algum modo “incômoda dos grupos tribais” (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1972). Fricção interétnica pode ser considerada o “atrito” entre etnias diferentes, culturas diferentes, ocasionando a apropriação de práticas, conflitos e junções ora negativos ora positivos e até mesmo a ocorrência de conflitos identitários, sendo assim traços culturais passam de uma sociedade para outra, como nos “estudos de aculturação”, ou instituições e atores concretos (porém imaginados em termos de “papéis sociais”) atuam como mediadores de complexas relações de confronto entre grupos humanos que se concebem como culturalmente distintos (sem que lhes ocorra indagar o que significa este “culturalmente”) como nos estudos de fricção interétnica iniciados por Cardoso de Oliveira em 1962. O trabalho de Cardoso junto ao

Evento: XVIII Jornada de Extensão

povo Terena consistiu, naquele período, em dar visibilidade a um grupo que fugia “ao interesse do etnólogo clássico, interessado precisamente naqueles grupos intocados que melhor conservam as singularidades da cultura tradicional” (OLIVEIRA, 1976. p. 13).

A pergunta que se fazia Oliveira (1976) era: como um grupo indígena “aculturado” se mantinha “Índio”; dado o longo contato? A noção de que o contato entre duas ou mais etnias assume um caráter sistêmico a partir de um certo momento, estruturalmente determinado, constitui a base do modelo, ou seja, o sistema interétnico começa a se constituir a partir do momento em que se cria uma certa interdependência entre os grupos étnicos em contato e se cristaliza quando tal interdependência se torna irreversível. Essa cristalização, não significa um estado estático do sistema, pelo contrário; o sistema interétnico é um corpus sócio cultural em movimento permanente: mesmo que incompatibilidades ou conflitos internos ao sistema interétnico não se manifestem é justo aceitar que estejam em estado latente.

A fricção interétnica estando frequentemente em estado latente, manifesta-se por meio de estágios ou capítulos, isto porque os mecanismos que levaram a constituição do sistema interétnico continuam em plena vigência e operação: os interesses diretamente opostos que unem os grupos étnicos em contato, como os que se exprimem na dependência do índio dos recursos materiais postos ao seu alcance pelo membro da sociedade nacional; e da dependência deste último de recursos postos ao seu alcance pelo índio.

Depois de 1960, após a observação da interação entre índios e a sociedade nacional, etnólogos brasileiros verificaram que as teorias que tentavam explicar o resultado dessa interação, como por exemplo, a teoria da aculturação, não eram mais suficientes. Isto porque, diferentemente de como preconizavam essas teorias, os índios brasileiros não perderam sua identidade étnica e nem foram assimilados pela sociedade nacional. Nesse contexto, surge a teoria da fricção interétnica como uma crítica à teoria da aculturação e como teoria capaz de explicar tais resultados.

A concepção e abordagem de estudo da teoria interétnica é sistêmica, isto é, deve-se observar as sociedades que relacionam como um sistema, que se forma depois do contato, por meio de relações de oposição. Para Cardoso de Oliveira, após o contato, há uma existência co-participativa forçada entre duas sociedades dialeticamente opostas, que possuem interesses diametralmente opostos, o que acaba irradiando na mudança da economia, da ordem política e da organização social. Todavia, tais mudanças ocorrem porque cada grupo étnico acaba por reorganizar tais estruturas dentro de sua sociedade, de forma independente, com a finalidade de manter o curso do contato, de maneira ao menos razoável, dentro do sistema.

Desse modo, “as transformações sofridas pelas sociedades em contato interétnico não são os resultados da influência da cultura de uma sobre a outra, nem o produto de uma criação comum determinada pelos fatores postos em interação pelos grupos étnicos”. Assim, a análise das relações sociais se torna mais importante para compreender o prognóstico das sociedades em contato do que o fator cultural.

Segundo Cardoso de Oliveira (1972) a teoria da fricção interétnica é única forma de plausível de avaliar a situação de contato. Nesse sentido, cabe ressaltar a posição de Carneiro da Cunha, “a

Evento: XVIII Jornada de Extensão

cultura original de um grupo étnico, na diáspora ou em situações de intenso contato, não se perde ou se funde simplesmente, mas adquire uma nova função essencial e que se acresce às outras” (1986, p. 99).

Conclusão

O presente projeto, devido a fase em que se encontra a pesquisa, não possui propósitos conclusivos. O estudo tem como hipótese, com base na pesquisa empírica realizada, que os indígenas da etnia Mbyà-Guarani buscam a afirmação da sua cultura, como cultura contra-hegemônica, mas estão imersos na cultura ocidental hegemônica, e apreendem elementos da sociedade de consumo, como a utilização do celular, do computador, da internet, alimentação, vestuário, entre outros e assim ressignificam sua diferença cultural. Não obstante as dificuldades enfrentadas, os Mbyà-Guarani da aldeia Yakã Jú conseguiram espaço junto à sociedade nacional; isso graças à sua habilidade política e traquejo social que possibilitam que sobrevivessem e consolidassem sua diferença cultural diante do contato interétnico.

Palavras-chave: Diferença; Cultura Mbyá-Guarani; fricção interétnica.

Keywords: Difference; Mbyá-Guarani Culture; Interethnic friction

Referências:

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. A crise do indigenismo. Campinas: Ed. Da Unicamp, 1988.

_____. Estudo de áreas de fricção interétnica do Brasil (Projeto de Pesquisa). América Latina, v. 5, n. 3, p. 85-90, 1962.

_____. Identidade e estrutura social. Anuário Antropológico/78, p. 243-263, 1980.

_____. O índio no mundo dos brancos. São Paulo: Pioneira, 1972.

CUNHA, Manuela Carneiro da. Antropologia do Brasil. São Paulo: Brasiliense/EDUSP, 1986.

SEMPRINI, Andrea. Multiculturalismo. Tradução de Laureano Pelegrin. Bauru: Edusc, 1999.